

VEREDAS

Índigo

# Cobras em compota

Ilustrações  
Thais Beltrame

2ª edição

 MODERNA



© ÍNDIGO, 2015  
1ª edição, 2006

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petrili de Almeida Leite  
EDIÇÃO DE TEXTO Marília Mendes  
COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE Camila Fiorenza  
PROJETO GRÁFICO Camila Fiorenza, Cristina Uetake  
DIAGRAMAÇÃO Cristina Uetake  
ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO Thais Beltrame  
COORDENAÇÃO DE REVISÃO Elaine Cristina del Nero  
REVISÃO Maristela S. Carrasco  
COORDENAÇÃO DE BUREAU Américo Jesus  
TRATAMENTO DE IMAGENS Angelo Greco  
PRÉ-IMPRESSÃO  
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Wilson Aparecido Troque  
IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Índigo  
Cobras em compota / Índigo; ilustrações Thais  
Beltrame. — 2. ed. — São Paulo : Moderna, 2015. —  
(Coleção Veredas)

ISBN 978-85-16-09642-7

1. Ficção — Literatura infantojuvenil  
1. Beltrame, Thais. II. Título. III. Série.

14-11363

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

*Todos os direitos reservados*

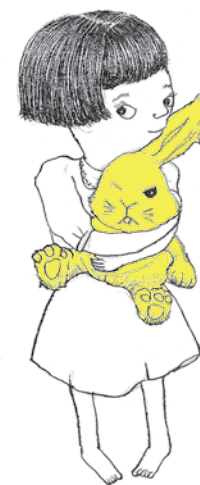
**EDITORA MODERNA LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904  
Vendas e Atendimento: Tel. (11) 2790-1300  
www.modernaliteratura.com.br  
2015

Impresso no Brasil

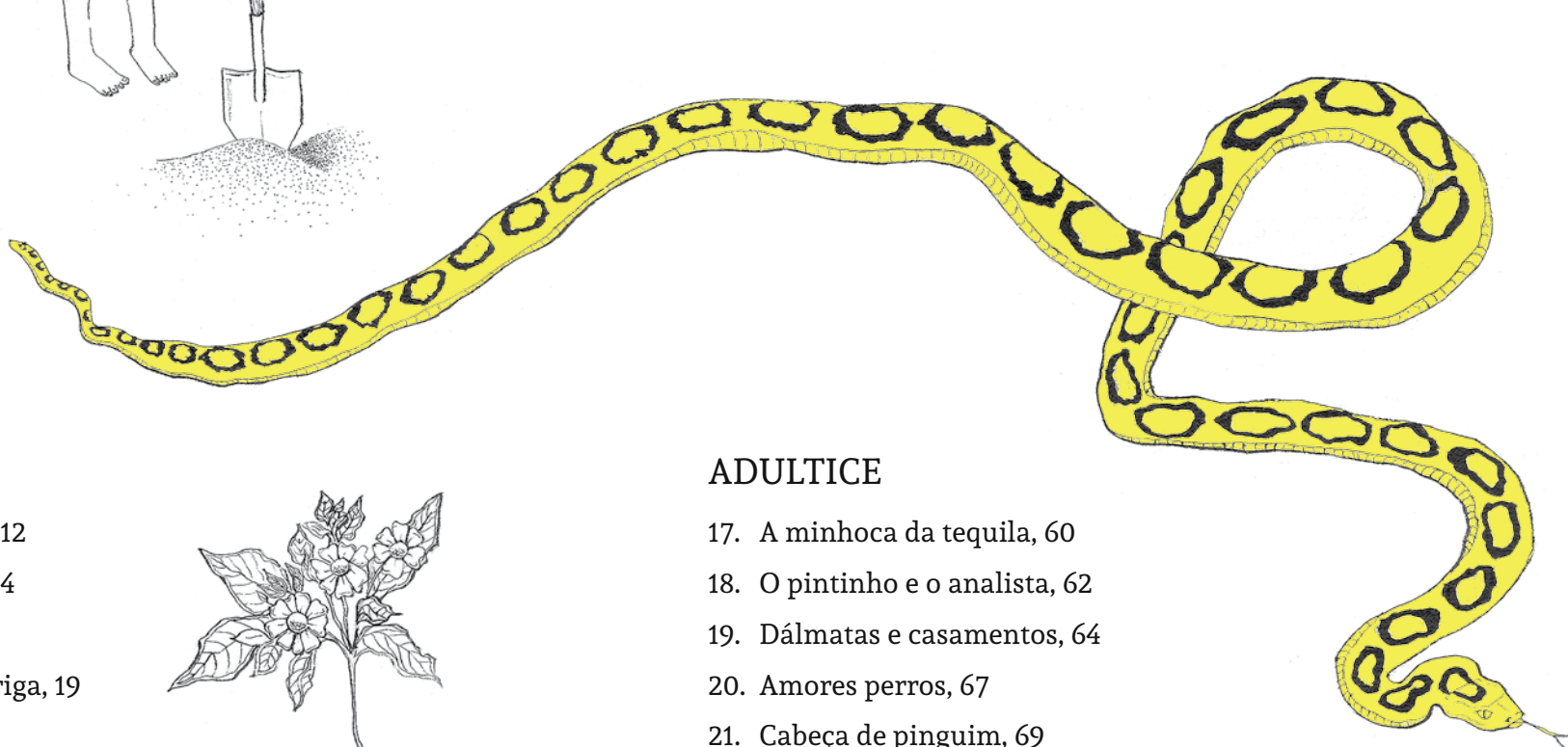


DE ACORDO COM AS  
NOVAS  
NORMAS  
ORTOGRAFICAS



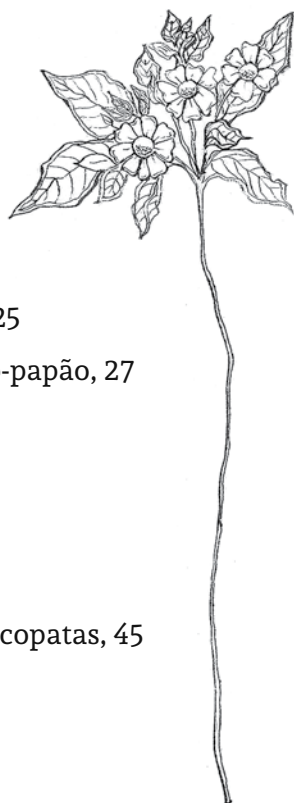
*Para o coelho raivoso.*

# Sumário



## INFÂNCIA

1. Efeito minhogueira, 12
2. Gatos não são bola, 14
3. Sapo no espeto, 17
4. A vingança da lombriga, 19
5. Pedaco de carne, 21
6. Abelhas, leões e paixões súbitas, 25
7. A necessidade de encarar o Bicho-papão, 27
8. Vinte dedinhos, 30
9. Visão do futuro, 33
10. Minas e energia, 38
11. Psicologia infantil, 41
12. Periquito verde e as pequenas psicopatas, 45
13. Os Cristos de Ana Paula, 47
14. A biblioteca silenciosa, 49
15. O coelho que não era urso, 53
16. Cavalos-marinhos e pelos pubianos, 56



## ADULTICE

17. A minhoca da tequila, 60
18. O pintinho e o analista, 62
19. Dálmatas e casamentos, 64
20. Amores perros, 67
21. Cabeça de pinguim, 69
22. O peixe dele, 72
23. Sensação de morango, 74
24. Sensação de lagartixa, 76
25. As partes removíveis do corpo, 78
26. Deslocamento de alma, 81
27. Livros pompom, 83
28. Namorado e medo de piolho, 85
29. Os vãos dos tijolos, 87
30. Silêncio, 90
31. O homem-sapo-boi, 92
32. A crueldade dos hamsters, 94
33. Salvem as baleias, 96
34. Baleias e melancias, 98



# Apresentação

Quando eu era pequena, os vidros de maionese eram bem maiores que os de agora. Acho que naquela época ninguém tinha medo de colesterol. Por serem vidros tão grandes, comportavam cobras enroladas dentro. No laboratório de Ciências da minha escola, eles preenchiam uma prateleira inteira, de ponta a ponta.

Se não fosse por esses vidros, meu desempenho na escola provavelmente teria sido bem melhor. Com eles ali era impossível. Eu só queria abri-los, meter a mão e puxar uma cobra pelo pescoço.

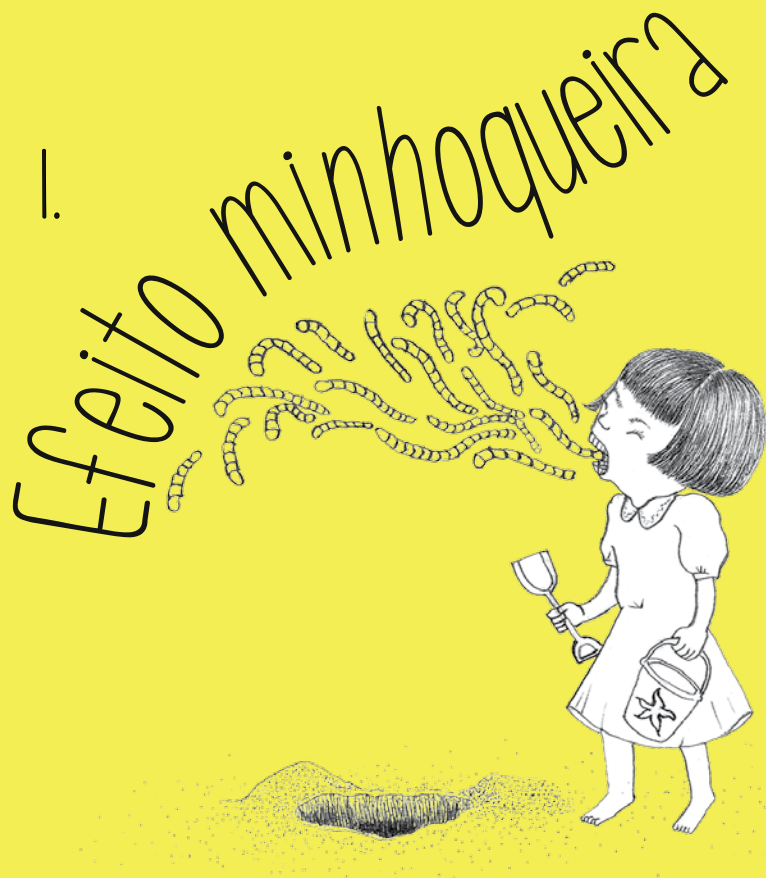
Nunca entendi o propósito daquela coleção de cobras. Nunca chegou a série certa para estudá-las. Lembro que de vez em quando, no meio da aula, alguma cobra de índole mais atrevida sibilava para mim. Com o tempo, percebi que, caso eu abrisse os potes, elas pulariam em mim, fincariam as presas no meu pescoço e eu me tornaria uma delas. Eram todas ex-alunas.

Ex-alunas que, em algum ponto de suas vidas, falaram mais do que deviam.

Neste livro destampo alguns vidros de maionese do meu passado remoto e do não tão remoto assim.

# INFÂNCIA





Eu não era de fazer birra. Para fazer birra eu teria de gritar. O grito até existia dentro de mim, mas não saía. Uma casca de silêncio abafava o som da minha voz. Até para verbalizar palavras eu tinha dificuldade. Elas saíam em forma de monossílabos triturados. Ninguém me entendia. Ganhei fama de bicho do mato. Minha aparência também não ajudava. Eu não era uma criança bonitinha. Basta dizer que durante um almoço de Natal, enquanto os adultos tomavam café na

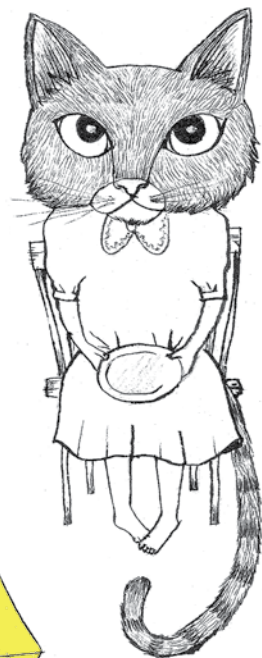
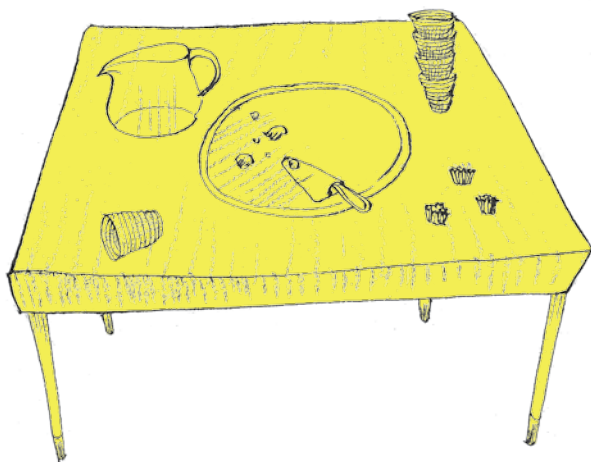
varanda, ouvi um tio-avô comentando a meu respeito. Mesmo não entendendo o significado de “beleza exótica” compreendi que minha vida não seria nada fácil.

Entupida em mim mesma, tive de encontrar maneiras alternativas de expressar minhas vontades. Em vez de argumentar, eu estrebuchava. Uma combinação de ataque epilético com balé contemporâneo. Minha mãe deu a isso o nome de “minhoqueira”.

Se estávamos em casa, ela simplesmente me ignorava. Se acontecia em público, ela torcia a minha orelha. Eu estrebuchava ainda mais. As pessoas olhavam, constrangidas. Eu mesma não me lembro de ter ficado constrangida. Eu não tinha consciência de ser visível para o resto do mundo.

Um dia, brincando na terra, com baldinho e pá, esbarrei numa tripa que se contorcia. Igualzinha a mim. Soltei a pá e pulei para trás. A criatura meteu a cabeça na terra fofa e foi abrindo caminho. Parecia um peixe. Movia-se com uma urgência que eu só via nos adultos. Nem se irritou comigo. Precisava se salvar porque, por algum motivo, sua vida tinha importância. Eu me perguntava que motivo era esse. Por que aquela urgência? Nunca encontrei a resposta, mas fiquei sensibilizada ao ver a agonia da minhoca. Peguei a pá e joguei um punhado de terra por cima dela. Depois, voltando para casa, tentei imaginar como seria a minha vida quando eu me livrasse da prisão da infância. Quem sabe algum dia eu também teria o privilégio de descobrir o meu valor.

## 2. Gatos não são bola



Nos dias de chuva meu irmão tinha ataques de tédio. Ao contrário do meu tédio, que era enfadonho, o dele era eufórico. Não havia brincadeira que o saciasse. Ele andava pela casa, em meio a trovoadas e relâmpagos, resmungando e remexendo em tudo. Seu cérebro borbulhava e seus olhinhos brilhavam. Eu me encolhia na minha cama, com um livro na mão, rezando para que ele não se lembrasse de mim. Ele sempre lembrava.

Foi num desses dias de tédio profundo que ele inventou de brincar de atirarmos o gato um no outro. Podíamos pegar o bicho apenas quando estivesse prestes a despencar da sacada. Ganhava quem conseguisse arremessar de modo que o gato ficasse o máximo de tempo possível solto no ar. Meu azar foi que o gato perdeu a paciência justo na minha vez de pegá-lo. Fincou as garras nas minhas bochechas e foi descendo, rasgando a pele no caminho.

Doeu.

Mas dor maior eu senti no dia seguinte, na igreja, durante minha primeira comunhão. O padre rezou a missa inteira sem desgrudar os olhos de mim. Não teve bata branca, coroa de flores ou asinha de algodão que desviasse a atenção do meu rosto de *poltergeist*.

Na hora das fotos, o padre me botou atrás do menino mais alto da turma. Eu chorava baixinho, e quanto mais chorava, mais ardia. Eu só queria cavar um buraco e ir para o inferno de vez.

Ao final da cerimônia nem quis saber de bolo e festinha. Voltei sozinha para casa, com as asas de algodão debaixo do braço. Passei o resto da tarde sentada em frente ao espelho, olhando para o meu rosto rasgado.

Cheguei a três conclusões: primeiro, que o céu é uma grande besteira. Segundo, que Deus tinha algo pessoal contra mim. Terceiro, que o gato era inocente.



O gato leu meus pensamentos e fez o que lhe pareceu adequado. Pulou no meu colo, apalpou minhas pernas com suas patinhas acolchoadas, girou em sentido anti-horário e se enrodilhou. Acariciei sua nuca. Em poucos minutos, estava ronronando. Havia o consolo de saber que, quando eu morresse, ao menos teria crédito para entrar no céu. Não havia a garantia, mas a possibilidade. A partir de então eu teria de fazer um esforço redobrado para provar ao mundo que eu não era um demônio, apesar da aparência física. Se me tornasse uma pessoa excepcionalmente boa, talvez conseguisse voltar a ser amada pela minha família, fazer novas amizades e, se Deus permitisse, levar uma vida quase normal. Enquanto minhas antigas amigas comiam bolo de morango com auréolas fincadas na cabeça, eu estava tendo uma compreensão real dos ensinamentos cristãos. Finalmente eu começaria a entender o que é sofrer. Nada mau, para quem se considerava meio sem graça.